1951-1960

Renato da Gama-Rosa Costa
Alexandre Jose de Souza Pessoas

Benedito Tadeu de Oliveira (coord.)

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

COSTA, R. G. R., and PESSOA, A. J. S. 1951-1960. In.: *Um lugar para a ciência: a formação do campus de Manguinhos* [online].
Coordinator Benedito Tadeu de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, pp. 134-149. História e saúde collection. ISBN: 978-65-5708-113-6. <https://doi.org/10.7476/9786557081136.0010>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

1951

1960

1951 - 1960

Um lugar para a ciência: a formação do *campus* de Manguinhos

De 1951 a 1960

- 11 Cocheira Instituto Soroterápico
- 18 Cais
- 20 Pombal
- 21 Cavalaria
- 22 Pavilhão do Relógio
- 23 Caramanchão
- 24 Pavilhão Mourisco
- 25 Horta Ilha do Pinheiro
- 26 Viveiro de peixes - Ilha do Pinheiro
- 27 Residência do zelador - Ilha do Pinheiro
- 28 Residência Museu de Hidrobiologia, - Ilha do Pinheiro
- 29 Hospital Evandro Chagas
- 30 Cantina
- 31 Residência
- 32 Ambulatório HEC
- 33 Biotério HEC
- 34 Depósito
- 35 Aquário de água salgada - Demolido na década de 60
- 36 Pavilhão Figueiredo Vasconcellos
- 37 Anexo Casa de Chá
- 38 Bichário
- 39 Casa Amarela
- 40 Residência
- 41 Estufas

- 42 Depósito para inflamáveis
- 43 Necrotério HEC
- 44 Cocheira velha
- 45 Residência para funcionário - Horta
- 46 Residência para funcionário - Horta
- 47 Residência para funcionário - Horta
- 48 Residência para funcionário - Horta
- 50 Pavilhão Rockefeller
- 51 Pavilhão Lauro Travassos
- 52 Coelheira
- 53 Cocheira
- 54 Pavilhão da Marcenaria
- 55 Pavilhão de Vírus
- 56 Estrebaria
- 57 Depósito
- 58 Forno crematório
- 59 Estaleiro - Ilha do Pinheiro
- 60 Cais - Ilha do Pinheiro
- 61 Oficina mecânica - Ilha do Pinheiro
- 62 Chaminé - Ilha do Pinheiro
- 63 Tanques de água do mar - Ilha do Pinheiro
- 64 Estação de Hidrobiologia - Ilha do Pinheiro
- 65 Residência do mecânico - Ilha do Pinheiro
- 66 Pavilhão Torres Homem
- 67 Almoxarifado - Atual Reserva técnica do Museu da Vida

- 68 Pavilhão Carlos Chagas
- 69 Pavilhão Arthur Neiva
- 70 Pavilhão da Biologia
- 71 Oficina
- 72 Garagem
- 73 Depósito
- 74 Pavilhão Carlos Augusto Da Silva
- 75 Lavanderia HEC
- 76 Pavilhão Adolfo Lutz
- 77 Caixa d'água
- 78 Depósito
- 79 Cisterna
- 80 Canil
- 81 Galinheiro
- 82 Portaria Avenida Brasil
- 83 Pavilhão Henrique Aragão
- 84 Pavilhão Leonidas Deane
- 85 Estação de Tratamento de Esgoto
- 86 Cocheira
- 87 Potreiro/cocheira
- 88 Brete
- 89 Depósito de Rações
- 90 Casa de Força
- 91 Bio-Manguinhos
- 92 Caixa D'água
- 93 Casa de Força

0 50 100 200

BASE CARTOGRÁFICA: LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO IPP/PCRJ
PLANTA GERAL DO I.O.C. - D.O./M.S. - 22/05/1961
LEVANTAMENTO AEROFOTOGAMÉTRICO - GOV. DO ESTADO DA GUANABARA - 1961

RIO DO CUNHA

RIO JACARÉ

RIO JACARÉ

CANAL FARIA-TIMBÓ

CANAL DO CUNHA

EST. CARLOS CHAGAS

LEOPOLDINA RAILWAY

ESTRADA RIO-PETRÓPOLIS
R. LEOPOLDO BULHÕES

RUA SIZENANDO NABUCO

18

87

OFICINA DA
DIVISÃO DE OBRAS
DO MINISTÉRIO DA
AERONÁUTICA

ESCOLA HUGO
CANTEGIAHI
(AERO-CLUB)

AERO-CLUB DO BRASIL/
NAVEGAÇÃO AERO BRASILEIRA

AV. BRASIL

BAR E
RESTAURANTE

HANGAR CAPITÃO
RICARDO KIRK

OFICINA DE
CARPINTARIA

ALOJAMENTO

HANGAR TENENTE
EUGÊNIO PESSOLO

TORRE

PISTA DE
TAXIAMENTO

DEPARTAMENTO DE
AVIAÇÃO CIVIL

PISTA DE POUSO
E DECOLAGEM

CAMPO DE FUTEBOL

REFEITÓRIO
E GARAGEM N.A.B.

BANCO DE
PROVAS DE
MOTORES

NAVEGAÇÃO
AERO-BRASILEIRA

ENSEADA DE
INHAÚMA

BAÍA DE GUANABARA

Terreno da Fiocruz

Edificações preexistentes

Edificações construídas
na década de 50

Edificações em ruínas

Edificações não
pertencentes ao Instituto

Olympio Oliveira
Ribeiro da Fonseca
Diretor do Instituto
Oswaldo Cruz
de 10 de fevereiro
de 1949
a 14 de julho
de 1953.

Cássio Miranda
Substituto de
Olympio
da Fonseca
no período de
julho
de 1953 a janeiro
de 1954.

Francisco da
Silva Laranja Filho
Diretor do Instituto
Oswaldo Cruz
de 25 de janeiro
de 1954
a 15 de fevereiro
de 1955.

Depois da direção de Henrique Aragão, a última gestão vitalícia, o IOC passou por gestões curtas e descontínuas, incapazes de elaborar e de concretizar projetos de longo prazo. Em 1953, o IOC vinculou-se diretamente ao Ministério da Saúde, recém-separado do Ministério da Educação. O Instituto Oswaldo Cruz voltou a ser mais dependente politicamente do governo, reduzindo sua autonomia à produção de soros e vacinas, e as outras atividades passaram ao controle do Ministério. O anseio, por parte dos cientistas, era a criação do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Em 1952 foi assinado um convênio entre o Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp) e o Serviço Nacional de Febre Amarela (SNFA) para a construção de um laboratório para a preparação de vacinas contra febre amarela e varíola.

O primeiro terreno escolhido para o novo laboratório era situado na Rua Visconde de Santa Isabel, no bairro de Vila Isabel, junto ao número 222. As obras já tinham sido iniciadas quando o diretor do Instituto na época, o Dr. Francisco da Silva Laranja Filho, opôs-se à idéia, e assim o laboratório passou a ser construído no terreno do IOC, dando origem a um termo aditivo ao contrato original.

O projeto foi desenvolvido na Seção de Arquitetura da Divisão de Engenharia do próprio Sesp⁷⁵ pelo arquiteto Roberto Nadalutti (Anexo I), funcionário do órgão naquela época.

A Avenida Brasil, recém-inaugurada. Em primeiro plano, à esquerda, o Pavilhão da Biologia ainda em construção. Ao fundo, o Pavilhão Rockefeller e atrás o Pavilhão Mourisco. (c. 1950. DAD/Fiocruz)

⁷⁵ Nadalutti acompanharia a fiscalização posteriormente mesmo depois de deixar o Sesp em 1953, recebendo honorários no valor de Cr\$ 40.000,00, segundo documento *Termo de Encerramento e Sumário Final do Projeto nº SU = RJA = 6C* (Fundo Serviço Especial de Saúde Pública - Acervo DAD/Fiocruz).

A Avenida Brasil, recém-inaugurada, limita definitivamente a área do *campus* de Manguinhos, cortando sua comunicação com o mar. Ao mesmo tempo possibilita novos acessos ao Instituto. Já se nota o grande contraste das construções de estilo modernista com o conjunto arquitetônico histórico. (DAD/Fiocruz)

Oficinas e Garagem recém-concluídas e, ao fundo, o edifício destinado a substituir o antigo Hospital Oswaldo Cruz, em obras. (DAD/Fiocruz)

O projeto inicial, elaborado por Nadalutti para o terreno de Vila Isabel e implantado parcialmente no *campus* de Manguinhos, previa um edifício em dois blocos, interligados por uma passarela. No bloco principal, composto de um pavimento térreo e um superior, funcionariam as salas de laboratório propriamente ditas, enquanto o bloco secundário, com apenas um pavimento, abrigaria a garagem, as oficinas de mecânica e carpintaria, bem como um

depósito, uma cozinha e um refeitório. A mudança de terreno causou atrasos das novas

obras, que só foram iniciadas em 1954, e a empreiteira contratada para a execução do projeto não aceitou manter o valor inicial destinado em contrato, desistindo da construção do bloco secundário e entregando as instalações incompletas. As obras foram parcialmente concluídas em 1956, já a cargo da Divisão

de Obras do Ministério da Saúde.⁷⁶ O laboratório só começou a ser usado plenamente em 1960.⁷⁷ O bloco principal foi pensado como um volume de predominância horizontal,

⁷⁶ Segundo documentação encontrada no Fundo do Serviço Especial de Saúde Pública do DAD/COC, Fiocruz.

⁷⁷ Benchimol (2001).

Antonio Augusto Xavier
Diretor do Instituto Oswaldo Cruz
de 15 de fevereiro de 1955
a 14 de novembro de 1958.

Amílcar Vianna Martins
Diretor do Instituto Oswaldo Cruz
de 14 de novembro de 1958
a 25 de setembro de 1960.

Tito Arcoverde Cavalcanti
Diretor do Instituto Oswaldo Cruz
de 26 de setembro de 1960
a 16 de fevereiro de 1961.

com fachadas laterais cegas, ao passo que as fachadas principal e posterior foram resolvidas de acordo com a incidência solar. A solução estrutural, que garante forte expressão plástica, é formada por um pórtico, tendo como elemento arquitetônico característico o pilar vazado com a base em forma de V. Esses pilares modulados, além de diminuir o número de apoios, imprimem grande movimentação ao volume estático.

Sobre o projeto comenta Nadalutti:

Foi feito com uma programação muito bem-feita por esse cientista, e isso ajudou muito para que eu fizesse o projeto razoavelmente bem. A intenção naquele tempo era mostrar a estrutura do edifício, então foi feito com aquela estrutura saliente, tem aquele pilar com uma forma vazada no meio, e a intenção foi liberar o espaço interno, porque uma obra dessas tem sempre que sofrer modificações, é como um hospital, é uma função que muda muito, os equipamentos, ainda mais num laboratório daquele tipo, eu imaginava isso; bom, isso aqui vai ser mudado, evidentemente naquele tempo ainda não tinha divisórias, a gente pensava mesmo em alvenaria, mas, enfim, a alvenaria você quebra e muda. Mas a intenção era essa, você poder arrasar tudo aquilo e refazer sem criar problema para o conjunto.⁷⁸

A impressão que Nadalutti teve do IOC na época da construção do Pavilhão de Febre Amarela foi a de configuração do espaço como um *campus*:

Já se estava querendo fazer ali um projeto urbanístico, esta idéia estava começando (...). O terreno já ficava numa parte plana, o local já era predeterminado, o pessoal disse que aquela era a área que seria possível fazer. Os prédios do lado direito do Castelo (no dente do terreno, em frente à favela) já estavam sendo feitos, mas em volta do Pavilhão de Febre Amarela não havia nada.

O diretor de Saúde naquele tempo apoiou muito a construção, inclusive o médico cientista que fez o programa era da direção do Instituto. Eu não conhecia a matéria, ele então foi me informando sobre tudo aquilo.⁷⁹

Nadalutti montou o programa do Pavilhão de Febre Amarela fazendo perguntas para um cientista – cuja especialidade era a produção de vacinas contra a febre amarela (provavelmente Henrique de Azevedo Penna) –, e ele lhe forneceu informações essenciais

⁷⁸ Roberto Nadalutti – Trecho de depoimento, de 17 de dezembro de 1998, registrado na fita 1, lado A.

⁷⁹ Ver nota 78.

[illegible]

Fachadas do Pavilhão da Febre Amarela, projeto do arquiteto Roberto Nadalutti. O projeto inicial previa um bloco posterior de serviços, garagem e refeitório, não realizado.
(DAD/Fiocruz)

Perspectiva do projeto original do Pavilhão de Febre Amarela (LaFA), onde se vê, ao fundo à direita, o bloco não construído. (DAD/Fiocruz)

para a organização interna do edifício. A estrutura que funciona como um pórtico foi calculada no Sesp.

Uma das últimas grandes realizações arquitetônicas na década de 50, dentro do *campus* de Manguinhos, ainda é reflexo da administração de Gustavo Capanema, como ministro da Saúde e Educação, e de Henrique Aragão, como diretor do IOC. Trata-se do Pavilhão Leônidas Deane, projetado para substituir o antigo Hospital Oswaldo Cruz – atual Evandro Chagas – e que teve sua construção iniciada em 1956. A intenção era que o Hospital Evandro Chagas (chamado de Hospital Oswaldo Cruz até 1941), que desde a década de 30⁸⁰ já se revelava um hospital de reduzidas dimensões para as atividades de pesquisas científicas na área da medicina experimental, desse lugar ao novo hospital, com instalações mais modernas e espaços mais amplos. O Pavilhão Leônidas Deane, além de ser concebido com volumes de proporções pouco elaboradas, desarmônicas, foi implantado incorretamente. As suas grandes dimensões são incompatíveis com a sua localização no alto da colina, bem como a excessiva proximidade com o Hospital Evandro Chagas, uma vez que parte de seu pavimento térreo avança sobre o edifício antigo.

O Pavilhão Leônidas Deane, de autoria do arquiteto Ramiro Pereira, foi projetado também na Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde e teve sua primeira inauguração durante a década de 70, inserido no plano de recuperação do Instituto. Ao longo dos anos sofreu diversas intervenções para receber usos variados e foi reinaugurado oficialmente em 2000, com a função de abrigar laboratórios do antigo Instituto Oswaldo Cruz, hoje uma unidade da Fiocruz.

Nessa década, na gestão de Antônio Augusto Xavier (1955-1958), também foram feitos investimentos em urbanização, através da pavimentação até hoje existente em blocos de concreto das vias do *campus* de Manguinhos.

⁸⁰ No relatório de 1936, constata-se ainda que os equipamentos que deveriam garantir “luz artificial, temperatura e ventilação condicionadas” ao Hospital Oswaldo Cruz nunca funcionaram.

Vista externa lateral do Pavilhão
da Febre Amarela. No detalhe o pilar vazado.
(DAD/Fiocruz)

Comenta Albano:

A única pavimentação existente era a que vinha da portaria da Leopoldo Bulhões até a colina principal do Instituto, em paralelepípedo. Apesar das reclamações de quem freqüentava o Instituto, sobre as precárias condições de tráfego pelo terreno, a pavimentação não era considerada prioridade pelo diretor Augusto Xavier, que preferia investimentos na construção e reforma dos laboratórios. Com a verba separada para as obras de pavimentação, o então diretor da Divisão, o arquiteto Thomaz Estrella, profundo conhecedor do *campus* do IOC, convidou o ministro da época, após um período de forte chuva, a visitar o Instituto. Dito e feito, o carro atolou bem em frente ao Pavilhão da Marcenaria, e o ministro, tido como uma pessoa progressista, se convenceu da pavimentação.⁸¹

Entre os anos 1954 e 1955, foi construída a portaria da Avenida Brasil, projeto do arquiteto Nabor Forster, também oriundo da Divisão de Obras do Ministério da Educação e Saúde. Trata-se de um volume constituído por paredes laterais cegas encimado por uma laje plana em concreto, sustentada por pilares cilíndricos, vazado na sua face lateral esquerda para o ingresso de veículos e que abriga à direita um corpo menor autônomo revestido de pedra, destinado à recepção ao público. A portaria da Fiocruz, como outros edifícios da mesma época, constitui um singelo marco da arquitetura moderna na Avenida Brasil.

O atual edifício de Bio-Manguinhos, projetado pelo arquiteto Waldyr Ramos, foi construído entre os anos 1956 e 1965, com planimetria retangular, e concebido como um prisma ligeiramente vertical. O edifício tem tratamento sóbrio, com fachadas laterais cegas e fachadas frontal e posterior rasgadas horizontalmente em cada pavimento. A estrutura independente é constituída de pilares circulares aparentes no pavimento térreo, ressaltada pelo uso de pilotis na entrada, que era anteriormente marcada também por uma marquise.

Nesta época propôs-se para o *campus* de Manguinhos um plano de urbanização de autoria desconhecida. Este plano previa não só a construção de grandes edifícios, à semelhança dos projetados para os *campi* das universidades brasileiras, dentro de uma linguagem racionalista moderna, de dois biotérios de forma semelhante ao pomal, como

Floroaldo Albano - Trecho de depoimento, de 26 de abril de 2000, registrado na fita 1, lado A.

Perspectiva do novo Hospital Oswaldo Cruz, de autoria do arquiteto Ramiro Pereira (atual Pavilhão Leônidas Deane). (DAD/Fiocruz)

Fachada do novo Hospital Oswaldo Cruz (atual Pavilhão Leônidas Deane), projeto do arquiteto Ramiro Pereira. (DAD/Fiocruz)

também a demolição de alguns edifícios antigos, como o Hospital Evandro Chagas e as construções antigas ao seu redor, ou seja, o Pombal, o Novo Biotério – hoje Pavilhão Lauro Travassos –, a cocheira velha e o edifício das oficinas/estrebria, além de pequenas residências dos primeiros tempos do Instituto. Desses, apenas as pequenas residências e o edifício das oficinas/estrebria foram demolidos. Por sorte, esse plano, que causaria grandes danos ao patrimônio da Fiocruz, não foi executado na íntegra.⁸²

A construção dos pavilhões de Bio-Manguinhos e Leônidas Deane também passou a interferir na leitura do conjunto arquitetônico histórico de Manguinhos, disputando com a sua silhueta e bloqueando parcialmente algumas das suas principais linhas de visada: aquela dos que trafegam na Avenida Brasil no sentido norte e a dos que vêm pela Rua Leopoldo Bulhões na direção de Bonsucesso. Com a construção da portaria da Avenida Brasil foi consolidada, a partir de então, essa entrada como a principal do *campus*. Para a construção da portaria, Luiz Moraes Júnior elaborou um projeto nos moldes daqueles desenvolvidos no início do século XX, o qual não foi realizado. Esse seria seu último contato⁸³ com o Instituto, pouco antes da sua morte, em 1955.

Na Divisão de Obras, em meados da década de 50, também foi desenvolvido o projeto das oficinas e da garagem, ampliado posteriormente com projeto de autoria de Waldyr Ramos.

Na década de 50, algumas construções de apoio, tais como estufa, depósito de inflamáveis, canil, galinheiro, cocheira, potreiro, brete e lavanderia do Hospital Evandro Chagas, foram realizadas. Aconteceram também alguns investimentos em infra-estrutura, com a construção de um reservatório de água e da casa-de-força de eletricidade.

⁸² Segundo mapa encontrado junto ao fundo IOC, Seção de Serviços Gerais, Série Administração Geral, Caixa 9, Maço 2, Mapoteca 3, Gaveta 4. (DAD/COC, Fiocruz)

⁸³ O outro seria o da sobrelevação do Quinino, já citado.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
PLANO DE URBANIZAÇÃO

- Existente
- Em construção
- Projetado
- A demolir

Primeiro planejamento urbano desenvolvido para o *campus* de Manguinhos. Interessante notar a proposta de demolição do Hospital Evandro Chagas, do Pavilhão Lauro Travassos e do Pombal. Planejava-se também a construção de dois biotérios de forma semelhante ao Pombal (canto superior direito) e de pavilhões prismáticos sem qualquer orientação solar. (DAD/Fiocruz)

Fachada e planta baixa da Lavanderia, construída como apoio ao Hospital Evandro Chagas. (DAD/Fiocruz)

Instituto Oswaldo Cruz

Projeto para o projeto do portão na Av. Brasil
Fachada

ESCALA 1/100

[Signature]

Proposta inicial para a portaria da Avenida Brasil, de autoria de Luiz Moraes Jr., não realizada. (DAD/Fiocruz)

ARQUIVO
3 15
58/35
RECEBIDO

M. S. INSTITUTO OSWALDO CRUZ
PORTICO E URBANIZAÇÃO DA ENTRADA
PERSPECTIVA ESC. 1/50

Projeto construído da portaria da Avenida Brasil, de autoria do arquiteto Nabor Forster, da Divisão de Obras (DAD/Fiocruz)

Oficinas e Garagem. Projeto desenvolvido pela Divisão de Obras. (c. 1954). (DAD/Fiocruz)

Ampliação projetada pelo arquiteto Waldyr Ramos da Divisão de Obras. (DAD/Fiocruz)